

A reparação como via da consolação a Deus



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

CARVALHO, José Carlos –
A reparação como via de
consolação a Deus. Em VAZ,
Carla Abreu, coord. – *Envolvidos
no amor de Deus pelo mundo:
Itinerário Temático do Centenário
das Aparições de Fátima: 4.º ciclo.*
Fátima: Santuário de Fátima, 2013.
p. 93-107.

José Carlos Carvalho

INTRODUÇÃO

A temática da reparação é uma temática teológica que pode ser vista em duas perspetivas: uma ascendente e outra descendente¹. No fundo trata-se de olhar a reparação como uma atividade ou uma receção, como algo que é dado ou como uma ação que construo e com a qual construo, ou seja, reparo. Teologicamente a reparação é em primeiro lugar e previamente do próprio Deus. Deus é o nosso reparador no seu Filho. Biblicamente isto é traduzido com a categoria do resgate (do *go'el*). Mas por outro lado, a reparação, além de dádiva passivamente acolhida de modo gratuito e imerecido, é oferecida também como desafio, como possibilidade de encarnação. Nesse momento, a reparação é sobretudo um processo, um estilo crente². Mas por ser uma temática teológica que é hoje considerada datada na teologia, ela continua atual e com a necessidade de ser retraduzida, pois o que está em causa é algo essencial à fé e à cristologia – o amor de Deus. Por outro lado, por ser uma temática teológica ela não é nem pode ser considerada exclusivamente teológica, pois verdadeiramente isso não existe. Essa maneira de construir a teologia pertence já à história da teologia, já foi tempo. Entretanto, felizmente, tivemos o concílio Vaticano II com a consequente renovação da própria teologia. Só é possível falar em reparação na fé cristã e na teologia porque ela faz parte da nossa vida, do modo de construirmos o mundo, da maneira como vivemos e como precisamos dela. O ser humano é reparável a vários níveis: médico, estético, cirúrgico, económico, financeiro, social, pedagógico, educativo, humano, ao nível da compensação jurídico-penal³ e, também, religiosa e espiritualmente. No fundo, a consciência da necessidade da reparação e da possibilidade que nos é oferecida de retribuir essa

1 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, "Réparation", *DSP*XIII (1988) 369-413.

2 Numa perspetiva sobretudo descendente ver MARIA MANUELA CARVALHO, *Teologia e adoração: o tema da reparação na mensagem de Fátima*. In *Fenomenologia e Teologia das Aparições Congresso Internacional de Fátima (1997) - Atas*, Santuário de Fátima 1998, 619-627.

3 Cf. JOSEF KREMSMAIR, "Genugtuung I. Rechtsgeschichtlich", *3LThK*IV (1995) 473.

reparação apenas abre ainda mais a consciência de que somos pecadores e indigentes da salvação. Os vários humanismos da modernidade e da pós-modernidade tentaram construir um mundo sem necessidade de reparação, um mundo autónomo, autossuficiente, um mundo irreparável e imparável porque já, afinal, reparado, totalmente autónomo ao ponto de prescindir de Deus, considerar que já não precisa d'Ele. Ora, o primeiro dado da nossa condição é o do imerecimento, o da dádiva. Somos dados à vida, logo somos antecipados, o mesmo é dizer, Deus é o primeiro a reparar em nós. Começa por fazer reparo /reparação olhando para nós, nota-nos, cria-nos, como canta o salmista no Sl 139,13 «porque Tu formaste os meus rins e teceste-me no seio de minha mãe». Assim, a primeira reparação chega-nos como um dom, e assim vai sendo gerada a fé como vai sendo gerada a vida, por antecipação, por dádiva.

A linguagem vetero-testamentária em vez de "reparação" usou o vocabulário mais comum da época patriarcal, exílica e pós-exílica: o vocabulário do "sacrifício", da "consolação", o difícil vocabulário da "expição", e o da "reconciliação". No Antigo Testamento Deus restaura, reestabelece a aliança (cf. Dt 34), Deus repara o pecado da idolatria do povo que adorou o bezerro de ouro em Ex 32 ao conceder novamente as tábuas da lei em Ex 34,1-10 depois da intercessão de Moisés, cuja oração tentou reparar o mal feito. A mesma renovação da aliança (outra categoria com a qual Israel repõe o projeto de Deus e traduz a reparação que Deus vai fazendo) continua no difícil séc. VIII a.C. quando Deus vai perdoar a infidelidade do povo em Os 11-14. Deus perdoa programaticamente Israel em Is 1 mesmo que os pecados do povo sejam como o escarlate, e nas vésperas do exílio entra em litígio direto com o povo em Jer 2 para tentar salvar o seu casamento, para reparar a relação sponsal da aliança que Israel tinha rompido unilateralmente entregando-se à prostituição idolátrica. Depois do exílio vai fazer uma aliança nova pela infusão do Espírito. Em Ez 36-37 Deus vai reparar os ossos ressequidos.

No Novo Testamento Deus reconcilia o mundo consigo em Cristo, Cristo supera o muro da inimizade e é a paz, pacífica (cf. Ef 2,11-14). Cristo é colocado como reparador, como reconciliação no lugar dos irreparáveis pelo pecado (cf. 2Cor 5,21). O Filho de Deus redime (cf. 2Cor 5,17), liberta (cf. Gal 5,1), é a redenção (cf. 1Cor 1,30), é o mediador entre Deus e a humanidade que repara essa relação (cf. 2 Tim 2,5).

A teologia patrística meditou na reparação da condição humana com a linguagem teológica da substituição inspirando-se em São Paulo em Rom 8,32-34. Tertuliano e S. Cipriano transpuseram a noção jurídica da recompensa do direito romano para a dimensão reconstrutiva do sacramento da penitência. Esta teologia justicialista da relação cristã entre Deus e a humanidade passou através da teologia da substituição ou da satisfação até à alta Idade Média à teologia anselmiana da justificação no *Cur Deus homo*, I.15 («nada pode ser acrescentado ou tirado à natureza de Deus»). Esta teologia da satisfação, evitada por Pedro Lombardo e por Abelardo e pensada como doação bastante de graça por S. Tomás, construiu uma imagem de um Deus de tal forma juiz que exigia uma doação proporcional o bastante que O satisfizesse. Este era um Deus absoluto, um senhor absoluto entendido como tal (um

“absoluter Herrscher verstandene Gott”⁴). A crítica moderna ao sacrifício colocou, por isso, em causa também a própria linguagem da “reparação” por evidenciar demasiado a fragilidade da condição humana ou por oferecer muitas vezes a imagem de um Deus contabilístico, imagem que não é a do Deus cristão. Todavia, é a linguagem dos Pastorinhos que tem de ser traduzida e compreendida na sua riqueza. Por causa disso, neste quarto ano de preparação do centenário, o Santuário propõe-se pensar a reparação – temática que atravessa a mensagem de Fátima – como via de consolação e de amor, quer a consolação que Deus nos concede por amor quer a consolação que podemos oferecer ao nosso Deus, que assim, afinal, Se mostra como não impassível⁵. Esta constitui uma outra forma de dizer a reparação permanente que Deus faz da nossa condição de pecadores, e a possibilidade que nos oferece de refazermos as contas da história, de irmos reparando as consequências dos nossos pecados. Isto acontece porque na raiz da nossa ação está a nossa condição marcada pela solidariedade. Somos todos solidários na condição de pecadores. Nesse sentido, a solidariedade permite e pede que Deus Se solidarize connosco reparando-nos, e que nós nos solidarizemos uns com os outros reparando-nos uns aos outros. Se primeiro a reparação de Deus nos vem como consolação de Deus no perdão e no amor, a solidariedade da nossa condição comum – esse transcendental – permite *reparar* uns nos outros para sermos reparados uns pelos outros e para nos repararmos uns aos outros. Esta solidariedade – outro nome contemporâneo da reparação, e categoria desconhecida ao tempo dos Pastorinhos – permite então assumir o lugar do pecador, perante Deus. Este constitui um sinal do amor de Deus e simultaneamente um sinal do amor a Deus. É sobretudo nesta segunda aceção, mais ascendente, que a temática da reparação surge distribuída na mensagem de Fátima. Importa, então, ver os dados fundamentais para auscultar a riqueza desta temática na mensagem de Fátima – temática frequentemente desconhecida porque de uma linguagem datável e muitas vezes recusada pela aversão que causa à cultura contemporânea da fruição e do consumo. Na verdade, a questão central que a temática da reparação coloca à fé cristã é a da própria gratuidade da salvação, pois o voluntarismo para o qual parece que a reparação convoca pode fazer pensar numa dispensa da gratuidade da salvação, quase num farisaísmo redentor ou autossuficiente. Além deste risco, a prática reparadora foi vertida durante séculos na linguagem sacrificial autónoma e individualista de muita ascese. Ora, a reparação bebe nas próprias fontes da fé cristã. A teoria dos vasos comunicantes, a solidariedade na mesma condição batismal e na comum vocação à santidade (contributo este do Concílio) estabelece canais de reparação dos irmãos aos irmãos, dos irmãos pelos irmãos numa pró-existência, numa solidariedade em favor dos irmãos. Mas a mensagem de Fátima pede algo mais a que não estamos habituados – não *reparar o próprio Deus mas reparar para Deus, em favor de Deus*. Não se trata de uma solidariedade apenas horizontal nem de uma filantropia, imanente, mas de uma ação com efeitos na relação com o Transcendente que a fé cristã nomeia Deus, pelo que a temática da reparação não

4 Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtung II. Theologiegeschichte”, *3LThKIV* (1995) 474.

5 Sobre esta temática ver o nosso trabalho *Deus sofre?* In VÍTOR COUTINHO (coord.), *Atas do Congresso “Jacinta Marto – Do encontro à compaixão”, Fátima 4-6 de junho de 2010*, [= Coleção Fátima Estudos 2], Santuário de Fátima 2010, 247-287.

reduz a uma simples filantropia o dom do amor com que Deus olha para nós, repara em nós. Trata-se aqui não de um voluntarismo substitutivo, mas de responder ao amor de Deus, de parar para olhar (adorar) para Deus. A reparação é um gesto de amor, é uma resposta ao amor que primeiro Deus nos concede, é uma *redamatio*, não é uma substituição, não é uma “equivalência”⁶ ou uma satisfação que aplaque um Deus irado e vingativo de acordo com uma leitura literalista de Rom 12,19 muito comum em muita teologia protestante e na respetiva tradução do *rapture*⁷ ou do dispensionalismo de John Nelson Danby (1800-1892)⁸ e de Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). Como indica a frase/ tema deste ano de preparação do centenário, somos “envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, esta é a atmosfera da reparação, e só essa envolvência explica a corda da Jacinta, corda que Nossa Senhora na aparição de setembro não negou nem absolutizou, apenas colocou no seu devido lugar.

1. A REPARAÇÃO NA MENSAGEM DE FÁTIMA

O convite à reparação atravessa os três ciclos de aparições marianas na mensagem de Fátima. Nas duas primeiras aparições angélicas da primavera e verão de 1916 o Anjo de Portugal pedia já a reparação no registo linguístico do sacrifício e da petição de perdão:

«não temais, sou o Anjo de Portugal, orai comigo... fez-nos repetir três vezes estas palavras: —“meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e Vos não amam”»⁹. Na segunda aparição no verão no poço chamado Arneiro acrescenta a este registo linguístico o vocabulário do sacrifício, da suportação e da súplica, próprios da piedade popular daquela época: «De tudo o que puderdes ofereci a Deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar»¹⁰.

Na terceira aparição angélica no outono de 1916, o Anjo continua o convite à reparação, desviando sempre os Pastorinhos de «uma busca direta do sofrimento e do sacrifício, insistindo na aceitação dos aspetos aflitivos da vida»¹¹, e lê a eucaristia como um sacrifício reparador, como que uma recompensa pelos ultrajes infligidos a Jesus: «... e faz--nos repetir três vezes: — Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, ofereço-Vos o precioso Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo

6 Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtuung III. Systematisch-theologisch”, *3LThKIV* (1995) 474.

7 Cf. HAL LINDSEY, *The Late Great Planet Earth*, Grand Rapids 1970, 111-113; TIM LAHAYE, *Revelation Illustrated and Made Plain*, Grand Rapids 1976, 184-189; IDEM - JERRY B. JENKINS, *Left Behind* (1996), Wheaton 2006; ERNST LOHMEYER, *Die Offenbarung des Johannes* (Göttingen 1926), [= HNT 16], Tübingen 21953, 114-117; JOHN F. WALVOORD, *The Revelation of Jesus Christ A Commentary*, London 1966, 197-198.204-212. Para uma crítica lúcida a este movimento sectário e fundamentalista ver GERHARD A. KRODEL, *Revelation*, Minneapolis 1989, 26; TIMOTHY P. WEBER, *On the Road to Armageddon How evangelicals became Israel's best friend*, Michigan, Baker House 2004, 13.295; CHARLES H. TALBERT, *The Apocalypse A Reading of the Revelation of John*, Louisville Kentucky 1994, 122.

8 Cf. BERNIE CALAWAY, *Revealing Revelation A Guide to the Literature of the Apocalypse*, San Francisco – London – Bethesda 1998, 178-180.

9 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias*, Fátima 132007, 77.170.

10 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 78.171.

11 STEFANO DE FIORES, *Reparação*. In CARLOS ALBERTO MOREIRA AZEVEDO – LUCIANO CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Lisboa, Principia 2007, 476.

é ofendido... tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus»¹².

Na primeira aparição mariana de 13 de maio de 1917, Nossa Senhora pergunta aos Pastorinhos se querem oferecer-se a Deus «para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-[lhes], em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»¹³. Na terceira aparição do dia 13 de julho desse mesmo ano, Nossa Senhora anunciou em Fátima que «para impedir a guerra [viria] pedir a consagração da Rússia ao [seu] Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados»¹⁴. Na aparição de 19 de agosto pedia o sacrifício reparador da oração: «rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas»¹⁵.

A frase inspiradora para este ano de preparação do centenário é precisamente tirada da segunda memória da Irmã Lúcia onde relata o que a Senhora lhe pediu na terceira aparição de julho: «Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria»¹⁶. Esta última devoção veio pedi-la depois no ciclo cordimariano, aparecendo à Irmã Lúcia a 10-12-1925 em Tuy, Espanha. Nessa altura concretizou-a em práticas muito simples e pedagógicas como a consagração dos cinco primeiros sábados e a recitação do terço: «Olha, minha filha, o meu coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, procura consolar-me e diz que prometo assistir na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação, a todos os que, no Primeiro Sábado de cinco meses seguidos, se confessarem, receberem a Sagrada Comunhão, rezarem um terço e me fizerem companhia durante quinze minutos, meditando nos quinze mistérios do Rosário com o fim de me desagruar»¹⁷. Estas práticas devocionais são reafirmadas nas visões de Jesus nos dois anos seguintes a 15 de fevereiro de 1926 e de 17 de dezembro de 1927¹⁸. A 13 de junho de 1929 Maria pede a Lúcia: «são tantas as almas que a justiça de Deus condena por pecados contra mim cometidos, que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intenção e ora»¹⁹.

2. A REPARAÇÃO DO PECADO COMO CONDIÇÃO DE PERDÃO

Como poderá o perdão traduzir a reparação? Que tem uma realidade que ver com a outra? Mais uma vez, poderemos olhar esta relação nas duas direções que a compõem, e igualmente nos atores. Se reparar supõe parar para refazer algo que foi desfeito, a reparação então começa no reparado enquan-

12 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 79.172.

13 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 82.173.

14 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941)* III-IV, Fátima 132007, 122.178.

15 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941)* IV, Fátima 132007, 179.

16 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 87.177.

17 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941)* IV, Fátima 132007, 192.

18 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941)* IV, Fátima 132007, 193.

19 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941)* IV, Fátima 132007, 195.

to reparador. Tenho de parar para olhar para mim mesmo, para reparar em mim. Só nessa altura estarei disposto e aberto ao olhar do Outro que desde sempre repara em mim e me quer reparar. Neste contexto é possível então falar de duas direções no processo de reparação, como foi afirmado, o que pressupõe dois pontos de partida: um de nós para Deus e outro de Deus para nós. No fundo, reabilitamos aqui todo o processo de mediação sacerdotal no Antigo Testamento e na vida cristã. O mediador é aquele que está no meio, que leva o mundo até Deus e que traz Deus para habitar o mundo. Nestas duas direções podemos parar para olhar para Deus ou contemplar a paragem de Deus que olha, que repara em nós para reparar a nossa vida com a sua graça. Nestas duas direções é delineado um percurso de reconhecimento do pecado como condição de perdão, porque ao reparar na nossa condição de pecado abro caminho para a reparação do mesmo através do perdão. Nesse momento desejo buscar um perdão que é constante e que repara a minha relação ao mundo e a Deus. Sendo assim, também podemos então contemplar o perdão de Deus sempre prévio ao pecador para o reparar, para o reconstruir, pelo que podemos aí contemplar essa mesma condição que repara o meu pecado. Desta forma poderemos falar em duas direções delineadas neste percurso de reconhecimento: uma de nós que se inicia quando nos damos conta do nosso pecado, e outra da parte de Deus que desde sempre (re)conhece que somos pecadores e indigentes da sua misericórdia que repara o nosso pecado. Nestas duas direções, para ser reparado, para ser notado por Deus tenho de deixar que Ele me repare, é necessário reconhecer o mal cometido para, com essa consciência, construir um caminho outro. Isto supõe a anuência da liberdade, o consentimento, o reconhecimento da nossa condição de pecadores. Só então o perdão de Deus será reparador, isto é, eficaz pois ao perdoar, ao dar por esse gesto de graça (gratuito) a sua graça e uma nova chance, está a reparar uma relação dilacerada, pelo que em última instância o Reparador acaba por ser Aquele que inicia e conclui o processo. Nós continuamos no meio como mediadores, e Deus só pode perdoar se efetivamente vir que nos arrependemos e que queremos mudar de vida, refazer as contas da história, recompor o que destruímos. É o que acontece também com os sacramentos que só são eficazes se não impusermos óbice, se a nossa liberdade consentir. Sem mostrarmos que queremos reconstruir o que desfizemos não há perdão eficaz. Ele existe em Deus mas a nossa liberdade impede-o de se tornar eficaz, é contumaz quando quer deixar tudo como estava antes.

Este processo que acontece na relação cristã entre o crente e Deus replica-se na relação fraterna e replica-se agora na reciprocidade das direções das relações interpessoais, pois se existe a violação de um dos mandamentos da lei de Deus, sobretudo a partir do quarto, só conseguimos manter a relação com base na confiança e na gratuidade. Isto acontece mesmo ao nível social. O mundo só funciona por causa da gratuidade nossa e de todos, que permanentemente está a "olear a máquina", a reparar os atropelos e as injustiças. Para que a sociedade sobreviva é necessário o perdão para reparar as relações interpessoais, o que faz então com que o reconhecimento da necessidade de reparação seja

a condição para o perdão e para a própria sobrevivência. Individual, comunitária e socialmente é necessário refazer o que foi desfeito, é necessária a reparação do pecado cometido para que aconteça o perdão e para que consigamos continuar a viver em sociedade, não na base da violência e da competição como pensaram os ideólogos do estado moderno como Hobbes (1588-1679)²⁰. Esta é a condição de perdão, perdão que permanece sempre gratuito, mas que como gratuito que é precisa sempre do consentimento da liberdade. Isto abre sempre então o lugar à esperança, e deixa o futuro nas nossas mãos. Podemos mudar o caminho dos acontecimentos, o que torna a vida muito mais bela e livre, pois não há fatalismos nem destinos, mas graça e liberdade. Este é o jogo da vida, e este jogo torna a vida humana sempre reparável e sempre perdoável, primeiro por Deus e depois pelos irmãos.

3. A REPARAÇÃO COMO RESISTÊNCIA À FORÇA DO MAL

Amar ao ponto de refazer o que foi destruído pelo nosso pecado, quando é reparável, é um ato de amor, de grande humildade e de esperança. Interessa-nos aqui sobretudo o primeiro e o último aspeto. O esforço por tentar consertar o que se estragou nas várias valências da vida humana apontadas pelos mandamentos é sinal de esperança numa outra maneira de estar no meio do mundo e de orientar por outros valores que não nos façam propender para o mal. Já o querer não ficar apenas a olhar para o passado e para o pecado que se cometeu, tentando seguir outros caminhos, é um sinal de esperança e de capacidade de luta. Este esforço de reparar o mal cometido ou infligido é um sinal de capacidade de luta contra o mal, dá mostras de que não nos resignamos e encontramos o mundo sempre como lugar de esperança. Esta é a atitude específica da fé cristã, que como fé que é confia no real e encontra o mundo como lugar da esperança, nunca vergado inexoravelmente ao mal, à força do mal para o qual, sabemos, propendemos ao ponto de não fazermos o bem que queremos mas o mal que não desejamos. Apesar desta maldição (Rom 7,24), querer reparar o mal é já sinal de capacidade de resistência face ao mal, de que é possível resistir ao mal nos seus efeitos fisiológicos (*Übel*), na sua malvadez dos malefícios que provoca (*Schlecht*) e na sua perturbação da ordem moral (*das Böse*). Reparar o mal significa que ele não é a última palavra da vida humana, que Deus é mais forte do que ele. Resistir-lhe descobre-nos um olhar positivo sobre a vida, pois abre o horizonte para lá do imediato, ao horizonte escatológico, à surpresa, à esperança, à novidade. É um sinal de saúde e de confiança. Reparar o mal só o consegue quem está acima do mal, quem não tem uma visão maniqueia ou gnóstica do mundo, quem faz o seu olhar parar em Deus, quem repara n'Ele, quem olha para Ele, quem tem como eixo orientador a transcendência, pois só essa liberta das contingências da história, transcende os nossos limites, transcende o mal, e por isso nos torna livres, não aprisionados. Os maus, as maldades, as coisas más então não nos afogam. Existe sempre algo mais e melhor, nunca nos damos por satisfeitos pelo que já temos ou pelo que já somos, pois ainda não está bem.

20 Cf. THOMAS HOBBS, *Elements of Philosophy* (1656) cap.XI.5. In Sir WILLIAM MOLESWORTH, *The Collected Works of Thomas Hobbes collected and edited*1, London 1994, 135.

4. A REPARAÇÃO COMO VIA DE CONSOLAÇÃO

Na mensagem de Fátima a temática da reparação surge preferencialmente como a consolação a Deus e não tanto como a consolação de Deus. Trata-se de traduzir, na primeira aceção, o contributo que o mundo da credulidade pode dar à consolação para o próprio Deus e para o mundo, sendo este mundo na mensagem de Fátima quer o mundo presente quer o mundo *post mortem*. Com efeito, é comum nas aparições ver Nossa Senhora pedir a reparação dos pecados cometidos contra o seu Imaculado Coração ou contra o próprio Senhor Jesus. Para atenuar este sofrimento infligido quer à Mãe do céu quer ao Seu Filho, Nossa Senhora propõe a oração e outras práticas pedagógicas como a consagração dos primeiros sábados, a adoração eucarística ou a recitação do rosário. É frequente na mensagem de Fátima encontrarmos o convite para atenuarmos o sofrimento de Deus e do seu Filho Jesus. Para tal, a mensagem de Fátima propõe que façamos memória do sofrimento do mundo. Rezar pelas almas dos pobres pecadores é um remédio para atenuar as suas penas no purgatório, assim se exprime a linguagem tradicional e da época das aparições. Isto significa que a comunhão dos santos é efetiva, ela prolonga-se para lá da morte. A nossa oração tem, por isso, grande valor, na medida em que pede a intercessão pelos pecadores para que sejam consolados e descubram a beleza da fé e da vida em Cristo. Isto é tornar a reparação orante, neste caso, um caminho de consolo.

Esta troca inspira-se na ação benevolente de Deus segundo 2Cor 5,21, onde Paulo ensina que Deus colocou o Seu Filho reparador (conciliador e salvador) como pecado no lugar dos irreparáveis (dos pecadores) não sendo pecador. Ao fazer isto, Cristo torna-se para o mundo o grande consolo na medida em que nos repara, reconstrói, reconcilia, em suma, nos salva, tira-nos de onde não conseguimos sair por nós mesmos devido ao nosso pecado. Permitindo que participemos na sua vida, Cristo consola-nos. Tal acontece por seu mérito, por graça. É espiritual e humanamente gratificante a consciência deste dom. Dar-nos o que por nós não conseguimos alcançar é consolador. Essa dádiva é uma reparação. Cristo reparou e repara sempre em nós. Isso é consolador. Por isso, a reparação (a dádiva da vida, da fé, da graça, da solidariedade) é em primeiro lugar um consolo para o próprio como também uma graça para os que são objeto dessa dádiva. Ao realizar o que o outro por si só não consegue mas deseja, isso é consolador, gratificante. Na verdade, a consolação não acontece apenas para aquele que é consolado, para aquele que é objeto de reparo (sobre o qual se olha com um olhar de benevolência). Antes, a consolação começa no consolador(a), no reparador(a). Nesse momento descobre que saiu do círculo da violência, está acima dos acontecimentos e compreende verdadeiramente quem sofre ao ponto de um amor maior. Neste sentido, quem repara em quem sofre, quem repara por quem sofre ama, e ao amar consola. O amor do amante recai sobre o amado. A consolação de quem repara, de quem tenta ou consegue refazer as contas da história atinge/recai sobre quem é amado, sobre quem é reparado, sobre quem se faz parar o olhar de misericórdia,

o que faz da reparação um caminho de consolação quer sobre quem é consolado quer sobre quem consola, sobre quem é reparado e sobre quem repara, sobre quem é amado e sobre quem ama, pois quem dá recebe ainda mais tal como promete o evangelho (cf. Mc 10,29-30).

5. A CONSOLAÇÃO DE DEUS, NO PERDÃO

Há primeiro que ter em conta que as categorias de “consolação”, “reparação” e “perdão” aplicadas a Deus não atingem cada uma delas o mesmo grau nem a mesma aplicabilidade. Na sequência do que até agora vem sendo dito, a consolação de Deus é assim uma categoria com a qual traduzimos a ação benevolente pela qual o Pai do céu repara em nós, olha atenciosamente para nós, SE (pre)ocupa-Se conosco. Mas ela não se fica apenas como descendo dos céus, ela prolonga-se na terra. Com efeito, Deus consola para que consolemos, e podemos fazê-lo quer a Ele quer ao mundo. A consolação de Deus chega-nos no perdão quando somos perdoados, mas ela também advém ao mundo quando perdoamos o mundo, fazendo desse perdão um lugar ou tempo de consolação por onde se intui a consolação de Deus, por onde se abre o caminho da transcendência. Deus quando perdoa pretende restaurar a aliança. Quando perdoamos consolemos, aliviemos, damos conteúdo ao amor de Deus, aos seus gestos reparadores, restauradores, salvíficos.

O gesto gratuito do perdão de Deus é imerecido, fruto de uma misericórdia imotivada. Logo à partida, por isso é consolador, é restaurador das forças e reparador da esperança. É a tradução do Deus amor em si mesmo consolação ao Filho no Espírito. Na mensagem de Fátima encontramos várias vezes o convite para consolarmos a nosso Senhor porque é terrivelmente ofendido pelos nossos pecados. O ato de consolar (na altura das aparições traduzido com a linguagem do desagravo) surge na mensagem de Fátima muito direcionado para Deus, sendo aí Deus objeto e não sujeito da consolação. Ora, Deus é consolável mas não reparável, pois não precisa de reparação em Si se entendermos aqui a reparação como o processo de reconstrução de algo que ficou diminuído ou que foi destruído. Por isso, «o mistério da reparação toca a essência da cristologia. Enfrenta os problemas nevrálgicos do sofrimento de Deus e da consciência do Cristo...»²¹. O nosso Deus não fica indiferente, podemos consolar a Deus. A única e substancial diferença é que Deus não precisa de ser perdoado. No entanto, a consolação de Deus não se restringe apenas ao perdão que nos concede. A consolação de Deus no perdão também vai no perdão aos irmãos e ao mundo, ou visto de outro ângulo, o perdão aos irmãos e ao mundo transporta a consolação de Deus, sacramentaliza a misericórdia imotivada de Deus. Por aí também Deus repara as contas da história. Isto faz da reparação um ato não intimista ou individualista. É sempre um ato pessoal. Quando perdoamos, quando somos sujeitos do perdão estamos a encarnar o projeto do reino, estamos a consolar porque fomos consolados. Nesses momentos, pelo perdão abrimos novamente a porta da aliança, reparamos a relação rompida, e nesse sentido reparamos, restauramos. É o mesmo que Deus faz a cada um de nós quando nos perdoa. Essa é uma experiência de graça, gratificante,

21 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, “Réparation III. Doctrine”, *DSp* XIII (1988) 412.

consoladora. Quando os irmãos recebem o nosso perdão ficam consolados, aliviados, fazem uma experiência gratificante, aproximam-se da graça. Assim, a consolação de Deus chega e parte no perdão, repara a nossa relação com Ele e com o mundo. No perdão somos reabilitados por Deus e o mundo é reabilitado pelo nosso perdão para se aproximar da experiência da graça e da transcendência.

6. ASSUMIR O LUGAR DO PECADOR, PERANTE DEUS

Nem sempre é possível assumir ou descobrir esta consciência. Nesse momento é necessário assumir o lugar do pecador, perante Deus, pois quem perdoa e vive a fé em Deus sabe que quem não o faz está numa situação muito pior. Estabelece-se aqui um processo de substituição. Nesse momento tentamos remediar o que o outro fez ou desfez, tentamos reparar os danos do pecado individual e social. Esta é a experiência de Jesus e dos servos de Javé no deuterio-Isaías (cf. Lc 22,37; 1Ped 2,22-24). O servo de Javé coloca-se no lugar do povo pecador de Israel para realizar um resgate substitutivo transformando-se num “go’el”, naquele que resgata, isto é, naquele que repara na situação de pecado em que o povo vive e que por isso quer reparar a vida do seu povo, quer restaurar o seu próprio povo. Este servo apresenta um interesse mais religioso por ouvir o convite de Deus (cf. Is 42,3-7; 50,4; 53,4-5), tenta eliminar o pecado carregando os pecados dos outros (53,4-5), interessa-se por que a salvação chegue a todos (49,6; 53,12). O servo de Is 49,3-4 espelha a fragilidade e os receios, pois ao servo a sua missão parece um fracasso. No entanto, é um sucesso para Deus. Este servo já passa por uma agonia semelhante à de Jesus no Getsémani em Mc 14,33-36, faz aí a experiência da última porta que dá sentido – a fé, a confiança no Deus confiável, fíavel, fiel, digno de fé, pois humanamente é uma missão impossível, sem sentido, sem nexos ou razão. Este servo não deixa de ser humano, que sofre diante do sofrimento, que não consegue explicar totalmente como Job e como Jesus (cf. Sl 22). Por isso, vêm os vv.5-6 como sinal de encorajamento, alargando o campo evangelizador. A missão do servo passa os limites geográficos da Palestina e de Israel e estende-se a todos os povos. Esta missão sem fim apresenta uma *finalidade* espiritual: levar à conversão sendo luz e salvação. O servo está assim chamado a ser sacramento de Deus, sinal da misericórdia de Deus no meio de todo o mundo e da história dos Homens.

O quarto canto de Is 52,13-53,12 desfaz a ambiguidade do terceiro canto, pois aqui o sofrimento é exaltação do servo, é riqueza para a multidão e justificação da multidão, o servo coloca-se substituindo-se no lugar dos pecadores. Isto é uma doutrina totalmente nova, incrível para Israel. O servo repara-os. Perante este facto há que evitar dois extremos: dizer que isto é totalmente impossível (pois ao nível humano é de facto constatável um acréscimo pelo sofrimento em nome dos outros, pelo sacrifício pelos outros), ou dizer que tudo é explicável, total e facilmente racionalizável. Note-se que o sofrimento do inocente permanecerá sempre enigmático como crítica à doutrina tradicional do princípio da retribuição proporcional (cf. Job, Qo).

A novidade deste canto é o triunfo do humilhado. Por outro lado, quem narra está de fora, do lado dos que assistem ao espetáculo, do lado dos que ultrajam. São eles que contam que a existência do sofredor é uma existência atormentada, dolorosa, mas também o é a existência dos próprios que atormentam, dos que fazem sofrer, pois reconhecem-no («os nossos delitos»: Is 53,5) e lamentam-se: «pelas suas chagas todos nós fomos curados» (Is 53,5). Este é o sentido e o alcance da primeira pessoa do plural. Diante de tudo isto, não admira que esta figura tivesse sido relida logo à luz da Páscoa no credo da comunidade cristã primitiva (cf. 1Cor 11,23; 15,3-5). Por tudo isto podemos concluir que o servo refaz, restaura, repara, restitui os pecadores à aliança pela consciência do seu pecado. Como vítima inocente, o servo está onde os outros não sabem que estão nem o que fazem, e por isso o servo repara, sacrifica-se por eles, põe-se entre eles e Deus. Este quarto servo apresenta-se como um figura *sacerdotal, sapiencial e profética*, que pertence aos “anawîm”. É um profeta que sofre na condição de mediador que dá a vida em favor da multidão e dos pecadores. Este servo continua a experiência dos enviados de Javé pois as provas *afligem* o enviado de Deus na execução da sua missão, à semelhança de Paulo que também experimenta uma agonia interna e externa (cf. 1Tes 2,4-9). Todavia, emerge neste servo uma *figura de ordem espiritual capaz de reconciliar o Homem com Deus, capaz de reparar uma relação de aliança destruída*. Os que romperam a aliança não são capazes disso, precisam de alguém que interceda ou medeie.

7. A ATITUDE REPARADORA COMO EMPENHO POR UM MUNDO BOM E BELO

A restauração das forças resulta de uma dádiva, bebe numa fonte – o amor de Deus – que a mensagem de Fátima conclui nas aparições cordimarianas com a visão da graça e da misericórdia. Mas se há preocupação quer por parte dos profetas no Antigo Testamento quer por parte de Jesus nos evangelhos é a de não reduzir o reino à pura interioridade. Na verdade, a palavra de Deus, a mensagem da salvação e a releitura profética desta história que é a mensagem de Fátima apresentam, como não poderia deixar de ser, uma incidência pública desta palavra. Dito de outro modo, a palavra de Deus não está destinada para ser apenas acolhida intimisticamente de maneira sentimental ou privada. Antes, ela apresenta consequências sociais e públicas reverberadas muito bem na Doutrina Social da Igreja. Do mesmo modo, a reparação não é uma questão privada da relação pessoal de fé, mas tem repercussão pública, necessariamente. A privatização da fé a que a modernidade conduziu quis e quer reduzir a fé apenas a uma questão pessoal ou sentimental, extirpando-a da sua força política e social. Assim sendo, a reparação também passa pela reconstrução do tecido social e político. A reparação não se preocupa apenas em reparar, em restaurar a nossa relação de aliança com Deus, mas pretende também incidir na realidade humana de forma abrangente, pois por aí também passa o crivo da nossa relação a Deus. Não é possível separar a reparação do mundo, pois é para o mundo que ela existe e é dirigida. Ao repararmos o mundo estamos e repor o projeto genesíaco dilacerado pelo pecado. Não podemos dissociar a relação com Deus da relação com os irmãos, pois uma não

existe sem a outra. Nesta não dissociação há um trabalho de casa a fazer: é necessário parar para olhar, reparar, notar, observar, apontar para si para depois apontar para os outros. Reparar no olhar dos outros, reparar o olhar dos outros corrigindo-o fraternalmente abrange todas as dimensões da vida humana. Por isso, a reparação não se fica pela reposição de um bem material, mas vai até àquilo que é mais específico e humano da pessoa – a sua dignidade fundamental, o seu valor imaterial.

Estamos aqui no âmbito da (re)construção da civilização do amor, na edificação de um mundo melhor, pelo que não nos ficamos apenas pela recompensa a alguém quando se deu a lesão de algum bem material. O que está em causa é o esforço de tentar compensar por um bem imaterial perdido, danificado, lesado, destruído, algo não mensurável²². Esse bem imaterial (mas que depois se materializa) é o amor de Deus, é a beleza e a bondade de Deus. Como diz o nosso povo “amor com amor se paga”, linguagem que a tradição espiritual traduziu com a oferta do amor ao amor de Deus, a *redamatio*, um “weitergeben derselben Liebe”²³, uma (re)doação. De facto, é a resposta resultante do amor primeiro de Deus que desde a criação viu que tudo era “tôb” em Gen 1, viu que tudo estava bem, era belo e bom. Estas três traduções são possíveis. Nesta perspetiva, «tornando-se intrinsecamente reparador, o amor integra todos os atos da vida cristã (e não só o domínio do sacrifício oferecido): se a sensualidade é reparada pela ascese, a blasfémia é pelo louvor, a ingratidão pela ação de graças, a profanação pela adoração, o ateísmo pela confissão da fé... a reparação só é autêntica se incluir o serviço do pobre, o ecumenismo, o respeito pela vida, o combate pela justiça... coextensiva à história da Igreja, a praxis reparadora não é redutível a nenhuma das figuras contingentes na quais por vezes foi encerrada caricaturalmente»²⁴. O empenho por um mundo bom e belo desadamiza a condição humana para a tornar participante do projeto de Deus. É preciso então reparar nas fragilidades do nosso mundo para ajudar a “consertá-lo”, a repará-lo. Isto supõe um grande amor, tudo isto é feito no amor, com caridade para que a cidade dos Homens se vá tornando a cidade de Deus, para que a Babilónia de Ap 18 se vá esfumando na noiva do alto de Ap 21,9.

SÍNTESE

Antes de falarmos na nossa reparação é preciso não esquecer a sua fonte – a reparação que Deus faz sempre do nosso pecado reabilitando-nos pela graça à vida da graça. Primeiro Deus repara-nos e só depois é que reparamos por Cristo, com Cristo e em Cristo. Por isso, «para evitar equívocos teológicos e distorções espirituais é oportuno colocar a reparação na ótica bíblica do amor»²⁵. A reparação reproduz o amor de Deus e o amor a Deus. Todavia, ela ficou refém do voluntarismo de muita ascese e de uma espiritualidade individualista que perdurou até ao Vaticano II. Aí, o pecado foi pensado como um crime de lesa-majestade, mas Deus continuava na sua majestade no olimpo celestial. É ilumi-

22 Cf. J.-M. AUBERT, “Réparation”, *Catholicisme Hier Aujourd’hui demain* XII (1990) 927.

23 Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtuung III. Systematisch-theologisch”, *3LThKIV* (1995) 474.

24 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, “Réparation III. Doctrine”, *DSp XIII* (1988) 410.

25 Cf. G. IAMMARRONE, “Riparazione”. In L. BORRIELLO – E. CARUANA – M. R. DEL GENIO – N. SUFFI (a cura di), *Dizionario di Mistica*, Vaticano 1998, 1073.

nador que os Pastorinhos, muitos anos antes do Concílio, tenham conseguido fugir a esta teologia algo abstrata e piramidal, ainda que não pudessem evitar a linguagem do desagravo. Os Pastorinhos ficam muito marcados pela experiência da luz e pelo mistério do amor de Deus. Na sua infância espiritual muito adulta auscultam esse mesmo mistério e saboreiam-no, pelo que o desejam, o creem. Reparar para os Pastorinhos significa amar a Deus e não buscar o sacrifício pelo sacrifício. É a experiência de Jesus que não buscou o sofrimento pelo sofrimento. Por amar sofreu; do mesmo modo os Pastorinhos. E por amarem muito a nosso Senhor – o mistério trinitário do amor – sofrem, e por mais quererem amar mais sofrem ao ver o amor de Deus rejeitado. É a experiência da cruz, sentir na pele o pecado do mundo por amor ao mundo. Aí chega o verdadeiro amor, mas isso é dom de Deus.

A teologia da reparação ficou infelizmente marcada por uma leitura redutora do famoso versículo da carta aos Colossenses que biblicamente fundamenta a nossa ação reparadora: «agora alegro-me nos sofrimentos por vós e completo o que falta das aflições de Cristo na minha carne, a favor do seu corpo que é a Igreja» (Col 1,24). Este famoso versículo no seu todo normalmente não é citado na íntegra, mas apenas a parte primeira, ficando a sensação de que a obra redentora de Cristo não ficou completa, e entrando-se mesmo em contradição com a irrevogabilidade soteriológica de Cristo atestada na carta aos Hebreus em Heb 10,10: «por vontade de Deus somos santificados pela oferta do corpo de Cristo de uma vez para sempre» (cf. Heb 7,27; 9,2; Rom 6,10). Se me esqueço da segunda parte («na minha carne, a favor do seu corpo que é a Igreja») parece que falta algo à obra redentora de Cristo e que sou agora obrigado a reconstruir, a refazer, a completar algo no Cristo inacabado. Ora, é na minha carne que falta algo da experiência do sofrimento pela qual Cristo passou e que falta algo da experiência do seu amor ao mundo, não é a Cristo. Por outro lado, esse acabamento aperfeiçoa a própria Igreja; é em favor do corpo de Cristo que é a Igreja. Assim, a reparação repara o que falta à minha carne e à carne da Igreja. Se repara cumpre e acaba. Fazer reparação significa querer cumprir por quem não quer cumprir e querer acabar por quem não quer acabar o amor de Deus ao mundo.